

A importância da sensorialidade no estudo da mente*

The importance of sensoriality in the study of mind

Carla Cândido¹

RESUMO: A partir do questionamento dos conceitos mais comumente presentes no estudo da mente, pretendemos identificar e nos aprofundar acerca daqueles com potencial de nos ajudar na construção de uma abordagem inovadora e interdisciplinar da questão, cujo eixo é o processo auto-organizado de gestão da excitabilidade em que o psiquismo se desenvolve em referência ao que é corporal e intercorpóreo, o que demanda uma ontologia do interstício e do irrepresentável. Concluímos que, a partir de uma montagem teórica entre Biologia, Física, Filosofia e Psicanálise, é possível pensar na transformação do aparato neurológico em psíquico como uma experiência intersensorial que ocorre pela via do sexual. Essa perspectiva nos coloca o desafio do desenvolvimento de um modelo de como atuam os sistemas sensoriais que inclua a experiência de como os sentimentos são sentidos. Nesse contexto, o conceito de pulsão é uma idéia psicanalítica valiosa para a ciência na medida em que aponta que no limite do corpo físico, encontramos a dinâmica do corpo investido (não-substancial) e nos permite tomar o “sentido sensorial” como matéria prima da significação, ao pensar os qualia como propriedade daquilo que é o desejo.

ABSTRACT: Based on the inquiry about the most common concepts present in the study of the mind, we intend to identify and analyze those that would potentially help us build an innovative and interdisciplinary approach of this issue that has as its axis the self-organizing management process of the excitability whereby the psyche is developed in reference to what is corporeal or intercorporeal, thus requiring an ontology of the interstice and of the unrepresentable. We conclude that from a theoretically framework among Biology, Physics, Philosophy, and Psychoanalysis it is possible to think of transforming the neurological apparatus into the psychological one as an intersensory experiment that occurs by sexuality. This perspective challenges us to construct a model on how the sensory systems work in which an experiment about how the feelings are sense is included. In this context

¹ Doutora em Neurociências e Comportamento /USP. Pós-doutoranda no Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da UFSCar. Endereço para correspondência: carlalcandido@hotmail.com

* Artigo originado de pós-doutoramento sob supervisão do Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (DFMC/UFSCar) e apoio financeiro FAPESP.

the concept of drive is a valuable psychoanalytic idea for the science as it points out that, in the physical body's limit, we are able to find the dynamics of the invested body (non-material) and it allows us to take the "sensory sense" as input for the meaning by thinking of qualia as a property of what the desire is.

PALAVRAS-CHAVE: experiência, sensorialidade, irrepresentável, mente, pulsão

KEY-WORDS: experience; sensoriality; unrepresentable; mind; drive

Qual o modelo de ciência que deveria ser adotado para o estudo da mente? Essa questão, que será aprofundada ao longo do artigo, nos remete a outras duas:

1. Qual a natureza de nosso objeto – a mente?
2. Como podemos abordá-lo de uma maneira inovadora?

É claro que a forma como abordamos a mente determinará a maneira como a concebemos, e a forma que tenho de abordá-la ou concebê-la depende antes de tudo de minha experiência com a mente – o que me sugere uma dimensão anterior ao estabelecimento do sentido como parte fundante da existência - e de como escolho um aporte teórico que incorpore isso.

Essa articulação entre experiência e teorização remete a algumas considerações que devem ser feitas para que o leitor entenda o porquê e como articulo saberes tão diferentes sobre a mente, a fim de fornecer uma contribuição de pesquisa teórica que aponte novas possibilidades de abordagem do psiquismo. Como um primeiro passo, tenho que declarar minhas insatisfações :

1. com a hegemonia da noção de representação nas ciências humanas e cognitivas que, ao nosso ver, encobre uma dimensão essencial da experiência humana, descrita como sensorialidade.
2. com a pretensão neurocientífica de que tudo *o que o encéfalo produz deveria ser entendido como um processo biológico* (KANDEL,2003), orientação que afirma a redutibilidade do psiquismo à realidade material objetiva
3. com a perda do lugar de crítica que a Psicanálise ocupava no campo das ciências humanas (BIRMAN,2001), que lhe permitia atuar como um interlocutor no debate sobre o corpo com a Biologia e, a partir desse encontro com o diferente, procurar definir sua própria racionalidade (PERSICANO,2000)

Entendemos que a morte da representação nas ciências humanas (BOUYER,2008), o limite do reducionismo eliminativista apregoadado por Churchland (1986) e a Psicanálise restrita não somente à perspectiva terapêutica, são diretrizes básicas que embasam a busca de uma teorização original sobre a constituição de um saber interdisciplinar do mental, e

fornecem os elementos que podem subsidiar três discussões principais sobre o que exatamente queremos dizer quando nos referimos ao “humano”, que são:

1. o questionamento da idéia de mente reduzida ao neural, o neural ao biológico, biológico como físico e físico entendido como um *pedaço de concreto* (na expressão de Damásio, citado por Murcho,2000)
2. a ênfase no aprofundamento de nosso conhecimento sobre a dimensão sensível que antecede e constitui as representações conscientes e
3. utilidade de abdicarmos da lógica causa-efeito para conceber o cérebro-corpo como uma experiência singular.

Nessa perspectiva, o tema do *embodiement*, proposto por Varela, Thompson e Rosh (1993), abre uma nova possibilidade de naturalização, ao entender o corpo físico como uma matéria em processo. Nesse sentido, gostaríamos de mostrar que tanto Freud (1915) com suas pulsões, quanto Merleau-Ponty (1945), ao afirmar a percepção como um modo de desejo, uma relação de ser, apontam originalmente para a existência de um outro fisicalismo, que no final das contas, é o que fará a diferença numa ciência objetiva da própria subjetividade. Para compreendermos esse fisicalismo teremos que nos remeter às sensações se estabelecem como vértice principal da experiência, tomando o lugar do pensamento a respeito daquilo que estamos vivendo.

Assumindo que nenhuma ciência pode servir de modelo para outra, nossa proposta é a de “des-naturalizar” a ciência, no sentido de uma desconstrução teórica, para que uma outra forma de racionalidade sobre a mente – que definimos provisoriamente como “sensorialidade” – possa nascer a partir de uma junção teórica entre Biologia, Fenomenologia, Física e Psicanálise.

E o rigor? - perguntarão alguns. Problematizando a hipótese de diferentes racionalidades na ciência, quem poderá julgar se nosso esforço criativo corresponde ou não aos padrões adequados de cientificidade? Certamente deixaremos o leitor decidir sobre isso. Aqui, nosso compromisso epistemológico é de problematizar as principais idéias sobre a mente, apresentando uma pesquisa teórica mais ousada - sempre a partir de uma perspectiva interdisciplinar -que promova uma nova visão sobre os recursos (teóricos e metodológicos) que podem ser usados para chegarmos do corpo ao psiquismo. Embora não pertençam ao

mesmo campo epistemológico, é claro que, na medida em que os diversos dogmas conceituais cedem espaço à idéia de complexidade, conceitos de natureza diversa conseguem articular-se tornando-se possível a construção de um novo projeto de naturalização da subjetividade que aprofunde o entendimento sobre a ocorrência da experiência no plano da dinâmica neural.

Tivemos a preocupação de não deixar que nossa criatividade ao tratar e relacionar certos conceitos fosse cerceada pelo tradicional discurso do real objetivo, seja ele encarnado na preocupação de chegarmos a uma verdade última sobre a mente, seja ela uma representação, uma molécula, uma aprendizagem ou comportamento “observável” ou outra empiricidade qualquer que recuse o irrepresentável.

Para tanto, quem deveremos “matar”?

Conceitos úteis, conceitos descartados

Identificamos, a seguir, entre os conceitos mais comumente presentes no estudo da mente, aqueles que vão nos ajudar na construção de uma abordagem inovadora e interdisciplinar do problema e aqueles que nós descartaríamos. Mais adiante, os conceitos considerados pertinentes serão aprofundados em sua importância.

a. Entendemos a ênfase que as Ciências Humanas e as Ciências Cognitivas dão à dimensão representacional, uma vez que a vida mental parece estruturar-se em torno da linguagem, o que permite a adoção do sujeito consciente como paradigma e a simulação de processos cognitivos em máquinas; todavia, propomos pensar o psiquismo como algo que se organiza a partir de um corpo sensível experimentando o mundo-outro também sensível. Nesse processo vincular intersensorial, temos uma auto-organização da sensibilidade corporal, que não é maquinação (processamento apenas) mas sim uma sensorialidade que surge a partir desse processo perceptivo. Essa percepção implica o registro de uma intencionalidade física que não é redutível ao nível bioquímico, que não é apenas efeito da linguagem simbólica e nem prescinde da presença (imaginada ou não) do outro.

Em suma, propomos que ao invés de pensar na transformação do aparato neurológico em aparato psíquico-ligado-vestido como efeito da ordem simbólica,

tentamos substituí-la, a princípio, pela intencionalidade física. Isto é, em vez de considerar o mundo como um código significante (dimensão não-experencial) em que a linguagem organiza o corpo, vamos considerar que o corpo dá vida à linguagem na experiência da ação. Nessa ótica, não é o poder de nomear que estrutura a percepção, mas sim o percebedor e o percebido. Ambos emergem de uma experiência intersensorial que ocorre pela via do sexual, e, nessa ação em que o corpo intencionaliza-se (corpo vivido), o percebedor vai existindo na medida em que adquire o poder de habitar seu corpo e de situar-se no mundo.

b. Usualmente concebemos os processos associativos dos estímulos sensoriais como os que obedecem aos princípios funcionais do sistema nervoso `puro`. Nessa perspectiva, as sensações seriam determinadas por fatores exclusivamente neurofisiológicos, organizadas para apresentar um quadro razoavelmente estável da realidade à nossa volta. No entanto, atualmente, diversos biólogos reconhecem que a função integradora das sensações que constrói a percepção individual envolve mecanismos “subjetivos”, mais além da apregoada objetividade neurofisiológica das sensações (Damásio, 2000). Assim, em função desses mecanismos, pensamos ser necessário questionar o sistema nervoso “puro” como aquilo que é objetivo e independente da experiência sensível.

Tendo em vista essa experiência, defendemos a idéia de que o sistema nervoso, desde os receptores sensoriais, é um sistema sempre investido, pois passa pelo “gosto” (que nos remete à qualidade) de sentir o mundo, matéria prima dos signos sensoriais de significação. Esse repertório sensível que catexiza (investe) o corpo, impregnando-o de singularidade, compõem as representações-coisa, que são processos figurativos² não-representacionais que tornam possíveis a representação.

² Para Botella (2002) a figurabilidade compreende uma tendência a fazer convergir os dados perceptuais ligados ao traumático (enquanto excesso, quantidade, não-representação) em uma unidade inteligível (qualidade). Quer dizer, o trabalho da figurabilidade consiste em transformar a afetação traumática naquilo que pode ser figurado, imagens que permitem acesso às vivências infantis, que nos remetem a um modo de funcionamento psíquico, dado pelo alucinatório (uma espécie de alucinação ligada aos canais perceptivos). A idéia do alucinatório como um conjunto de imagens que não são consideradas como representação icônica de um objeto externo mas fornecem os elementos sensoriais que vão se constituir na matéria prima das representações aponta a similaridade que existe entre o conceito de figurabilidade de Botella (2002) e de alíngua de Lacan (Leite, 1998) e de pictograma de Aulagnier (1975).

Essa experiência sensível, que Freud remete ao trabalho pulsional, nos indica que o próprio corpo já é um efeito dessa realidade “neural-psíquica”, o que nos leva a crer na inexistência de um sistema nervoso “puro” e nos impulsiona a questionar a idéia freudiana de que o estudo das fontes pulsionais, por serem somáticas, estava fora do âmbito da psicologia (*A pulsão e suas vicissitudes*, FREUD, 1905).

c. A propósito, a dimensão neural-psíquica vai nos lembrar: de que há mente antes da representação; de que ela prescinde de consciência e de que o inconsciente, ocorrendo desde o neural, é mais abrangente do que se imagina e prévio à repressão (SIMANKE, 2006). Talvez, o fato do sistema mental estar submetido à existência corporal antes do conhecimento consciente, configure uma situação que produz o fenômeno do inconsciente

d. Surge, então, a possibilidade de concebermos um inconsciente que não consiste em representações inconscientes mas num processo negativo que insiste em se presentificar no irrepresentável. Inclusive, quando falamos em irrepresentável, vale a pena ressaltar que, do ponto de vista neurobiológico, não temos memórias explícitas dos primeiros anos de nossa vida, porque o hipocampo não se torna funcional até a idade de 3 ou 4 anos. Essas “lembranças” precoces armazenadas na amígdala, que não podem ser recuperadas verbalmente (Lemgruber, 2004), parecem apoiar a idéia da existência de uma rede neural investida afetivamente, que funciona como uma dinâmica irrepresentável, isto é, como um fluxo que constitui o pano de fundo da mente consciente.

e. Daí que a intencionalidade física, ao nosso ver, implica no fato de que o experiencial vivido precede as relações lógicas, ao contrário do que diz o estruturalismo³. A dinâmica dessa intencionalidade se efetua numa experiência incorporada do encontro com o não-eu, tem leis próprias de organização, parcialmente explicadas pela Física, é anterior à dimensão cognitiva, e ocorre porque o corpo humano é um sistema dinâmico aberto, em permanente

³ Na clínica estruturalista de Lacan temos a lógica do significante como aquilo que ocupa de modo mais direto o lugar da ligação freudiana (Souza, 2005). Para Lacan, refere o autor, a operação pela qual o sujeito, como efeito do significante, vem a ocupar uma determinada posição na estrutura (determinada pelo efeito do pathos da relação com o Outro) precede o vivido experiencial. Não há processo de ligação experimentado pelo sujeito. O sujeito já é o resultado de uma ligação, ou melhor dizendo, de uma nodulação que o posiciona em uma das estruturas clínicas da neurose, psicose ou perversão.

relação, o que faz com que ele tenha que dar conta das flutuações provocadas a partir do meio.

A teoria física dos Sistemas Dinâmicos aponta a existência de estados de um sistema que podem ser mudados por perturbações (fenômenos de avalanche), mas que, uma vez nesse estado, sempre migram para uma nova configuração mais estável (PERBAK,1997). É uma dinâmica onde todo o sistema torna-se instável diante de mínimas perturbações em valores de parâmetros. Para Prigogine (1996) são essas condições de não-equilíbrio que capacitam o sistema a evitar a desordem térmica, transformando parte da energia em um comportamento ordenado de um novo tipo. Chamou esses sistemas de abertos e fora do equilíbrio de estruturas dissipativas, uma propriedade dos sistemas auto-organizantes. Em consequência das perturbações, os valores sistêmicos se alteram, de onde emergem processos irreversíveis de alteração qualitativo-topológica, cuja repercussão só pode ser descrita a longo prazo.

O sistema nervoso (o modelo freudiano do *Projeto* também) pode ser considerado uma estrutura dissipativa, pois é um sistema aberto, inicialmente fora do equilíbrio, que caminha na direção da organização, dissipando, constantemente, a energia e a matéria que recebe de fora (MACIEL,1999). Esse processo em nível neural, fundado por uma exterioridade que é diretamente inacessível ao homem, é o que, ao nosso ver, presentifica a dinâmica do inconsciente.

Podemos imaginar, então, que um sistema nervoso vinha se desenvolvendo dentro da normalidade, mas de tal forma que um elemento novo potencialmente poderia desviar a trajetória de estabilização dos pesos de conexões na rede neural desse sistema. Esse “corte real” (DEBRUN,1996) é responsável por introduzir o movimento auto-organizador no sistema, que sofre, a todo momento, intervenções da aleatoriedade do real. Quando dizemos que o cérebro constitui um sistema complexo, queremos enfatizar justamente essa capacidade que o corpo humano apresenta de trabalhar com as flutuações provocadas em sua relação com o meio, dando lugar a uma estrutura emergente de caráter inesperado: no caso do sistema cerebral – a mente e o processo de significação. Ou seja, parece que o conceito de complexidade e de auto-organização endossam a idéia de que o sujeito se constitui a partir de um encontro com a realidade, isto é, com o que chamamos de real da

realidade (LIBERMAN, 1997). Não é à toa que Lacan remete o subjetivo para algo da ordem do Real⁴.

Para os físicos, as oscilações de comportamento de um organismo dotado de um cérebro, mas exposto às ações de um ambiente, parece revelar padrões complexos, uma vez que cada modificação incorporada introduz aumento no grau de complexidade do sistema, transformando-o, de modo que parece acertado dizer que ninguém toma banho duas vezes no mesmo rio...

Fica a dúvida: se o psiquismo pode ser considerado uma atividade emergente e diferente do nível do qual emergiu, retroagindo sobre o funcionamento das células cerebrais (Morin *et al.*, 1990), cientificamente, como dar estatuto objetivo a esse processo em que o corpo é sempre um outro corpo mais complexo?

f. No ato perceptivo, avançando para algo além de si, a sensação inaugura o mundo e é inaugurada por ele. O bebê alucina o seio onde o seio está, referia Winnicott (1990), ou seja, a potência de sentir reencontra o objeto sensível, e o sujeito encontra o objeto já dado. Essa dupla vivência corporal reforma a palavra e modifica outras percepções. O corpo surge, então, como uma potência gestual que nasce em conjunto com o meio através da percepção, define o que Merleau- Ponty (1945) chama de ser-no-mundo, o corpo fenomenal.

A invenção freudiana da autonomia do corpo em relação a um único sujeito (“eu”) e a postulação de um mundo interior que é diferente do “real”, marca essa distinção entre realidade externa e interna: o sujeito da percepção situa-se no limite, na zona fronteira entre o dentro e o fora. Porque a pele é um meio- suporte de agenciamento interior-exterior (GIL, 1997), não se percebe o corpo como se percebe uma coisa. Percebemos nosso corpo

⁴ Segundo Safatle (2005), Lacan refere que o sujeito não é apenas da ordem do significante, mas porta em si algo da ordem da negatividade do Real. Essa lógica, que contempla a temática da destituição subjetiva na obra lacaniana, não implica na afirmação de um plano de imanência pré-reflexivo, mas sugere que deve ser feita uma reconsideração a respeito dos modos de subjetivação disponíveis na clínica. Em função dessa reconsideração, a obra lacaniana mais tardia admite possibilidades de experiências com objetos não inscritas a priori em uma estrutura narcísica. Essa outra maneira de pensar o objeto, não mais apenas como construção da engenharia do Imaginário, mas como um real do objeto representa, equivale a dizer que há uma consistência ontológica para além de condição de pólo de projeções narcísicas.

desde fora, como um objeto entre outros, e também o experimentamos de dentro, em primeira pessoa como um corpo vivido. Temos um corpo e somos um corpo, simultaneamente. Essa dualidade limita o reducionismo uma vez que “*objectivity can never be apprehended save at the heart on subjective experience*” (PACHOUD,1999, p. 205). Essa impossibilidade de objetivarmos o corpo inteiramente, desde que se coloca a dimensão do ‘vivido’, é o elemento novo que altera a estabilidade do sistema, o qual associamos ao “corte real” de Debrun (1996), pois que marca a presença de uma exterioridade inacessível que é convertida, no contato com o outro, em intencionalidade física. Esse “corte”, representado pela impossibilidade, é que vai dar a intenção ao corpo, isto é, o que foi “sentido” (afetado) constitui o pontapé inicial do processo de auto-organização mental ou trabalho de representância.

Vale a pena lembrar então da noção do caráter corpóreo da significação de Merleau Ponty (1945): o sentido da palavra é criado na vivência das relações do corpo com o mundo. Para que haja significado, não é suficiente um sistema de signos, é-lhes necessários um decodificador - o corpo, em que o gesto e o afeto estão intimamente associados (GIL, 1997). Sendo ele próprio articulado, o corpo fornece à linguagem uma língua virtual e muda. Por isso, refere Gil, sem o afeto que os sustenta, os códigos são línguas mortas.

Hipotetizamos também que, a medida que as representações-coisa tenham seu caráter significante resultante também da relação que mantém com as demais representações, transforma-se em uma linguagem (GARCIA-ROZA,1991). Daí, a estrutura que o fenômeno psíquico possa apresentar não decorre exclusivamente da realidade externa ou do processo nervoso, nem se limita à sensorialidade, mas engloba posteriormente, a submissão desses elementos à trama da linguagem, que passa a se constituir como um princípio organizador, em acordo com a clínica estruturalista de Lacan.

Ficou claro que na transposição sensorial em que o corpo aparece como uma potência gestual (corpo fenomenal) é que a intencionalidade se expressa. Portanto, inicialmente, ao invés de representação ou significante, temos a expressão de sentido que explicita uma forma de sentir. Podemos imaginar que a idéia do alucinatório de Botella (2002) como um funcionamento psíquico que capta o que há de intenso sensorial e registra na forma de uma imagem não- icônica de um objeto externo adquire importância nessa etapa precoce da

representância. Tais perceptos irrepresentáveis equivaleriam àquilo que foi sentido, definido sentidos.

Tomando o “sentido” (sensorial) como a matéria prima da significação, como pensar nas teorias que pregam uma exterioridade entre signo e significado?

g. Essa discussão nos obriga a refletir sobre se a adoção de uma ontologia da existência, em detrimento da atitude metapsicológica, seria mais apropriada ao estudo da mente. Será viável assumirmos um campo fenomenal fundado na concretude da experiência corporal intersubjetiva, cujas idéias estão presentes na psicanálise winnicottiana, cujo protótipo é a mãe e o bebê?

Em relação à concretude, na teorização psicanalítica, vale a pena lembrar que é possível conceber uma dimensão da experiência intersubjetiva em que a presença de objetos (que podem ser outros sujeitos) não precisa se dar efetivamente na realidade externa para que tenha efeito e produza conseqüências em termos psíquicos. Isso tem implicações para a noção de concretude que estamos propondo na experiência corporal intersubjetiva: quando afirmamos existencialmente o corpo como potência que nasce em conjunto com o mundo, se o mundo não precisa se dar na realidade externa, sobre qual concretude estamos falando?

É certo que a exterioridade do outro só resulta em subjetivação porque esse outro encontra também acolhimento e habitação em quem o percebe, e daí, algo desta experiência de inclusão estará presente nos próximos encontros. Para Figueiredo e Coelho Jr, (2004), deve-se a Melanie Klein a criação do termo “objeto interno”, que para ela referia-se a essas experiências subjetivas inconscientes, vivida pela criança, alojando-se dentro de seu corpo. Embora os objetos “internos” possam ter tido, em algum momento da vida do sujeito, seu correlato “externo”, real (no sentido empírico), não é a partir dessas possíveis referências externas que sua efetividade se verifica, já que, como objetos internos, passam a observar leis e funcionamentos peculiares ao do mundo interno. Assim é que, em termos psicanalíticos, as formas de presença do outro, indicadas nos processos de identificação, incorporação e introjeção, são sentidas como imagem de uma realidade concreta.

Enfim, concordamos com Figueiredo e Coelho Jr, (2004) ao referir que o campo das psicologias confronta-se, cada vez mais, com as exigências éticas colocadas pela

necessidade de reconhecimento da alteridade como elemento constitutivo das subjetividades singulares. Entretanto, a alteridade indica que a idéia de intersubjetividade exige um trânsito contínuo entre diversas concepções sem que, por enquanto, exista uma síntese na qual a questão possa ser definitivamente equacionada. Retomando o problema da concretude, afirmamos que ela passa pelo empírico, pela intensidade/afetação e pela representação.

Nesse trânsito, é necessário observar que, do ponto de vista psicanalítico, a passividade inicial do organismo em contato com o mundo, da qual fala Merleau-Ponty (CARMAN,2005) e a tradição realista de Husserl (SMITH & THOMASSOM, 2005) que afirma a percepção como uma experiência exclusivamente verídica no mundo e não na mente, tem seus limites com a idéia de objeto interno e com a postulação freudiana de um psiquismo que não se configura como uma unidade, mas como uma multiplicidade perpassada pelo conflito psíquico.

h. Fica claro então, que a medida que o bebê se diferencia do mundo, e passa a se relacionar com ele, ocorre uma situação de intersubjetividade que compreende :

- as mensagens sexualizadas de cunho traumático (pela própria assimetria da situação) que o adulto impõe à criança, e que , segundo Laplanche (1992), devido a sua intraduzibilidade, se tornam fonte constante de estimulação. Para Figueiredo e Coelho Jr, (2004), nas teorizações psicanalíticas de S. Freud, S. Ferenczi e J. Laplanche encontraremos remissões a esta intersubjetividade concebida a partir da idéia de que o outro me imporá a sua sexualidade como um impacto não passível de incorporação simbólica (alteridade traumática) exigindo trabalho em processos permanentes de inadaptação entre eu e outro.
- a junção de fragmentos da atividade motora e sensorial que fundamentam o narcisismo primário, que, segundo Winnicott (1990) propicia uma elaboração imaginativa sobre o funcionamento do corpo. Isso significa que, oferecendo experiências afetivas e físicas ao bebê por meio do cuidado com o corpo, a mãe ajuda a promover uma inserção psicossomática, inter-relacionando corpo e psique. Esses registros, fora da ordem da

representação, fundamentam o corpo pulsional ou vivido, que é um corpo em relação organizado dinamicamente, e que não pode ser reduzido à ordem bioquímica, nem à computação de símbolos, pois que nos remete à satisfação, à qualidade da vivência (qualia).

Já no *Projeto*, hipotetizando dois tipos de sistemas de neurônios - permeáveis e impermeáveis - e dois tipos de energia: Q, quantidade proveniente do meio externo e Q_n , quantidade proveniente do meio interno, Freud apontou que o qualia não é independente do contexto intencional da experiência. Cumpre acrescentar que, no *Projeto*, o próprio Freud se encontra incoerente no uso dos sinais Q e Q_n . Esse enigma externo/interno que vai acompanhá-lo até o final da vida, ainda hoje nos persegue: afinal, qual a diferença entre Q e Q_n ? Como a primeira se transforma na segunda? Ou, como disse Gil (1997): aonde se situa o interior? A qualidade da vivência localiza-se nessa passagem.

Percebendo que os instrumentos destinados a converter a quantidade externa em qualidade interna se relacionavam às transformações que os estímulos externos sofriam devido aos “*invólucros das extremidades nervosas*” (que associamos ao sensível do corpo) funcionarem como uma peneira, reduzindo, limitando ou tornando os estímulos descontínuos, de uma maneira que escapa ao controle do “eu”, Freud começou, para muitos, a transformar a exploração neurocientífica da mente em metapsicologia (BROOK, 1998).

i. Contrariamente, nosso intuito aqui é demonstrar a necessidade de se construir uma ciência da mente que dê conta de lidar com a imprecisão de limites entre interior/exterior e com a idéia de que as sensações são energias intencionalizando-se, sem tomar essas idéias exclusivamente no campo das especulações. Exatamente: o que faz a noção de sensação inteligível, é, precisamente o trabalho pulsional, ou seja, a maneira pela qual a excitabilidade surgida a partir do encontro com a sexualidade do outro é investida e constitui o desejo, os objetos e as representações. A maior contribuição de Freud ao problema canônico das qualidades sensíveis reside, justamente, em pensar qualia como uma propriedade daquilo que é o desejo. Para nós, o diálogo entre fenomenologia e psicanálise aponta a inescapável relação entre intencionalidade perceptual e desejo:

precisamos aprofundar o entendimento sobre essa relação se quisermos entender a mente. Mas como abordá-la de uma maneira científica?

Associamos as qualidades sensoriais não representacionais com o que Botella (2002) chama de sexual primordial, anterior ao Édipo, cuja origem não está nem dentro nem fora. Nesse sentido, percebedor bebê e mãe percebida especificam um ao outro, ou seja, não se trata de descobrir um mundo já dado, nem construir um mundo só a partir de si, mas em como os padrões sensório-motores se excitam, se situam e se sustentam no mundo do contato. Vemos os qualia ocorrendo nessa situação de enação (VARELA, THOMPSON & ROSH, 1993) em que o objeto, as inscrições e mesmo a intensidade da pulsão, entre outros aspectos, podem ser pensados como aspectos emergentes do encontro da pulsão com o ambiente, elementos que alicerçam o processo de auto-organização psíquica a cada instante.

Na abordagem de Winnicott, a ênfase sobre o ambiente enquanto condição não-objetual possibilitadora de objetos sempre esteve presente (LOPARIC,2006). Interessa pensar que a forma do percebedor bebê guiar sua ação passa pelo percebido outro-mãe – esse contexto de satisfações e alucinações é o cenário do sexual primordial que permite o surgimento do psiquismo incipiente. Essa propriedade relacional que especifica o contato como causa e efeito das sensibilidades é definida por Varela, Thompson e Rosch (1993) como *enactive approach*.

Então, refazendo o trajeto do corpo à mente, é na interface onde se dão as primeiras trocas – preponderantemente no manuseio nos procedimentos de higiene, alimentação e vocalização - em que o bebê começa a usufruir de uma experiência de limite corporal. A estruturação do par representação-coisa/representação –palavra também ajuda a formar um sentimento de interioridade e continuidade. Inclusive, para Anzieu (2000), não há nada no espírito que não tenha passado pelos sentidos e pela motricidade, e portanto, tudo que se refere ao psiquismo se desenvolve em constante referência ao que é corporal.

j. A função crucial que o corpo desempenha na constituição psíquica coloca esse corpo “sentido” em evidência: a partir de que surge um propósito que organiza os caminhos energéticos, sendo que antes do contato não há uma pré-programação, só potencialidades sensoriais à espera, se só existe um tempo em que ainda somos Totalidade, quando a

sensação ainda não apareceu para nos indicar caminhos? E se o Édipo e o recalque são destituídos de seu lugar fundamental, se não há ordem biológica em busca da sobrevivência instituindo as relações neurais desde o início, nem uma alma previamente colocada por Deus...se não há qualquer ordem prévia, o que está no início da mente?

Parece-nos que a intencionalidade física produzida no contato guia a ação perceptual. A dinâmica dessa intencionalidade surge ao redor do que a Física chama de falta de atrator inicial, a Teoria da auto-organização de ausência de um supervisor central, a Psicanálise de falta, o significante enigmático de Laplanche, no lacanismo teríamos o impessoal marcado pela ausência do significante original, a falta de ser através da qual o ser existe, o sem-sentido fenomenológico, o anonimato inato de mim mesmo de Merleau-Ponty, a *shunyata da* filosofia chinesa, a natureza fundamentalmente vazia de toda existência, a não substancialidade. Somos um corpo sensível tentando dar sentido a esse vazio, como se a nossa essência consistisse em nossa própria falta de essência (Barbaras,1999), a qual tentamos reconstruir, sentindo e dando sentido às sensações no plano existencial da intercorporeidade (COELHO Jr,1997). Até mesmo Lacan, por muito tempo longe da referência da experiência e mais próximo da idéia abstrata entre os registros do simbólico, real e imaginário, reconheceu, no final de sua obra, que há algo produzido de modo forclusivo pelo simbólico, uma coisa que aponta para a própria incompletude do sujeito, para o não-sentido que é causa daquilo que seria a ligação se houvesse algo prévio ao simbólico para ser ligado (SOUZA,2005).

k. Concordamos, então, com Barbaras (1999) de que a Biologia nos leva à Metabiologia e essa à Cosmologia, pois a idéia de “algo prévio” nos conduz à noção de Totalidade como a integração entre organismo e natureza. Transpondo isso para o início da vida do bebê, não há “eu” - há fusão original. Quando a Totalidade é negada em cada experiência perceptual, surge a sensação e a relação eu-mundo. Paradoxalmente, segundo Barbaras, a Totalidade se recompõe através dessas mesmas negações/sensações. Acreditamos ser nesse contexto de diferenciação, isto é, de um organismo tentando existir na Natureza, que ocorre o mecanismo da satisfação alucinatória do desejo, confundindo-se com a própria natureza do aparelho psíquico. Na psicanálise, alguns autores, como Aulagnier (1975) e Kristeva (1987) apóiam a idéia de que essa fusão original é um plano

imane, outros, como Green (2008), recusam a existência de uma dimensão originária que permanece.

Aulagnier (1975) fala de uma zona-objeto-complementar, através da qual o psiquismo figura toda experiência de encontro entre ele e o mundo, a base da atividade fantasmática própria do processo primário. Para a autora, o encontro psiquismo-mundo é permanente e dura por toda a vida. A dinâmica da fusão-separação também é um aspecto muito enfatizado por Winnicott, para quem a intra-humanidade da dupla mãe-bebê é anterior à intersubjetividade (LOPARIC,2006). Essa relação inicial vai propiciar experiências na área da ilusão da onipotência, que o bebê sente como real. Essa ilusão inicial de que o que foi encontrado no mundo foi por ele criado é a base para a objetividade, a idéia que funda a teoria de que a ilusão cria a exterioridade do mundo. Nessa direção, a concretude sobre a qual falamos anteriormente, repousa sobre a relação entre mãe e bebê. A concretude do mundo externo é uma possibilidade.

1. Recaptulando, da Totalidade negada faz-se um ser, que ainda conserva traços arcaicos da nossa não-diferenciação, da nossa fusão com o continente, que Kristeva (citada por FONTES, 2000) chama de caverna sensorial. Cientificamente, como podemos nos situar diante dessa incomunicabilidade chamada sensorial?

O uso do reducionismo fenomenológico de Husserl, é, segundo Bezerra jr. (2003), obrigatório em qualquer campo do conhecimento desde que nos ajuda em busca da mínima ontologia, e muito útil como linguagem privilegiada na descrição dos fenômenos mentais. Entranto, fazemos a ressalva de que o reducionismo fenomenológico nos atrapalha quando nega tudo aquilo que não pode ser analisado através de relações conceituais lógicas, o que, em princípio limita a intencionalidade a um modelo semântico.

Consideramos como Nagel (2004) que a redução do mental ao físico é substancialmente diferente de outros tipos de redução, porque entendemos que quando chegamos ao nível físico, encontramos processos que entrelaçam aspectos bioquímicos e existenciais que não são “matéria do tipo coisa” , mas sim matéria do tipo “fluxos de energia” acontecendo na experiência. Isso nos faz refletir acerca das possibilidades do reducionismo quando tratamos de transformações de energia. Nesse contexto, pensando na mente como energia intencionalizando-se pela motricidade e sensibilidade caminhando

juntas no agir cotidiano, até onde a idéia de redução se sustenta?

O fundamental, refere Green (2008), é a correlação que podemos fazer entre significado e algo que não pertence ao significado. Vimos através de diversos autores aqui citados que a teoria psicanalítica propõe explicitamente essa correlação ao propor que a infraestrutura computante do pensamento se torna cogitação pela experiência da sexualidade. De encontro a essa idéia, a fenomenologia de Merleau- Ponty (1945) fala sobre a experiência da percepção e intersensorialidade. Tais teorias nos levam a crer que a ponte entre a representação e o irrepresentável, entre a matéria e a energia é o conceito de pulsão, força oriunda do funcionamento do corpo vivo, de ordem energética, não contida nas unidades elementares que o compõem e que ganha expressão psíquica (FREUD, 1905/1985 e 1915/1985).

Relacionamos essa afetação do corpo àquilo que Merleau- Ponty chama de forma do excitante, ou seja, à pulsionalidade que se expressa pela maneira peculiar do corpo se oferecer às ações do mundo exterior, de ser sensível. Nessa perspectiva, a significação é motivada a partir de seu sentido existencial. Também Aulagnier (1975) postula o encontro eu-mundo e suas intensidades de afeto como coextensivo ao estado do existente como uma forma de funcionamento psíquico forcluída do conhecimento, apesar de sempre operante, como um fundo representativo.

Resumindo, parece que a redução da mente ao corpo é possível, desde que o corpo não seja despido da dimensão fenomenal (como potencialidade). Ao nosso ver, por estar situada neste território entre o irrepresentável e o representável, em que o peso e a significação das representações estão articulados à vivência corporal específica, isto é, à experiência do corpo sentido, a teoria freudiana da pulsão permite uma ontologia do humano que leva em consideração a experiência. Se nem todo materialismo é reducionista e, se mesmo o reducionismo não precisa ser eliminativista (SIDONCHA, 2008), apostamos na necessidade do desenvolvimento de uma ciência da sensorialidade capaz de estudar a experiência de ser.

Mais heresias: os qualia.

O que fizemos até aqui?

1. invertemos alguns pressupostos básicos da ciência atual, caminhando em direção à idéia de que “a realidade da mente não é uma realidade objetiva”
2. invertemos pressupostos psicanalíticos caminhando em direção à idéia de que “há um inconsciente prévio que é neural-psíquico”
3. invertemos pressupostos fenomenológicos caminhando em direção à idéia de que “podemos fazer uma redução fenomenológica sem nos restringirmos à consciência”
4. invertemos pressupostos da física clássica, caminhando em direção à idéia de que a matéria mental está mais para “fluxo” do que para “coisa”
5. invertemos pressupostos das ciências cognitivas caminhando em direção à idéia de que afirmar a consciência como consequência da linguagem é um equívoco

Tais inversões demonstram que, ao nosso ver, alguns conceitos populares presentes no estudo da mente devem ser reformulados, a saber: natureza do reducionismo, a objetividade do sistema nervoso, as representações conscientes como sinônimo do mental, a exterioridade entre signo e significado e a exclusão da intencionalidade, da sexualidade e da experiência do corpo próprio .

Além dessas, outras inversões nos ocorrem, principalmente em função da noção de qualia, que para nós é central na discussão da constituição da mente, pois que define o que é humano do que não é. A experiência fundamental de como os sentimentos são sentidos criam outros problemas para os estudiosos da mente, a saber:

1. Percebidos antes⁵ da consciência (LIBET, 1983), elementos sensoriais podem não corresponder ao um dado ou informação, pois são inscritos em função da intensidade. Pensamos que essa afetação emerge de uma interação afetiva e tem caráter sexual (no sentido da procura de uma satisfação prazerosa). Dada essa relação entre sensorial e sexual, podemos pensar a energia psíquica como uma energia física (GARCIA ROZA,1991), não-mística, metabólica (GERMINE,1998) submetida a uma gestão

⁵ Libet (1983) descobriu que o potencial pré-motor antecede a decisão consciente relatada em até 350 milissegundos. Isto é, quase meio segundo antes de você apertar um botão, seu cérebro/corpo já tinha sentido essa vontade e esteve maquinando a idéia, produzindo um padrão que já indicava que você iria tomar essa decisão.

sexualizada (do corpo excitando-se numa relação com o outro real ou imaginado), e cada vez mais referida a um universo simbólico. Assim é que vemos a experiência da sexualidade inscrita num plano físico: emerge como uma clivagem de um plano propriamente sexual no biológico infantil (LAPLANCHE,92). que se auto-organiza nas flutuações provocadas a partir ação do outro. Essa experiência é o pano de fundo para a criação da forma do excitante (MERLEAU-PONTY,1945), isto é, da maneira do organismo ser sensível. Para Aulagnier (1975), psiquismo e mundo encontram-se e nascem um com o outro, condenando o corpo a investir, a desejar, a representar.

Na organização do vivente, células, tecidos, órgãos, sistemas, organismos e populações são estruturas que operam e se organizam do não-vivente para a dimensão biológica da carne, do cômputo, da corporeidade e do cogito, evoluindo ao longo do tempo, segundo certas leis. Embora não saibamos com clareza qual é o tipo de relação que existe entre a filogênese do corpo e a filogênese do psiquismo ⁵, a idéia de um desenvolvimento nos permite enraizar o sujeito em seu vínculo com o meio como um fenômeno emergente que, ontogeneticamente, tem a primeira estimulação como uma estimulação do mundo, que acorda o bebê como corpo psíquico (NAVES & CARNEIRO,2007). Esse ‘acordar’ implica a situação em que o adulto confronta a criança com sua própria sexualidade, que Laplanche (1992) chama de significante enigmático, o que funciona como uma estimulação constante do auto-erotismo, e faz o corpo existir psiquicamente. A ação desse sexual inconsciente sobre o corpo em forma de objetos-fonte da pulsão tornam as zonas erógenas lugares de organização das fantasias.

A gênese da pulsão é uma idéia psicanalítica valiosa para a ciência na medida em que aponta que no limite do físico encontramos a dinâmica do corpo investido, do desejo e a presença do não-eu provendo modificações. Parece mesmo que o subjetivo está enraizado nesse acontecimento desprovido de inscrição simbólica, ou seja, nas materialidades e funcionalidades corpóreas (PEREIRA, 2006) que são a base não-conceitual do pensamento conceitual⁶.

⁶ Para Lacan, o psicótico é quem nos ensina do Real, pois este é o não simbolizado, é o gozo inútil desligado da alienação do significado. Ele se torna, assim, a testemunha cruel da não substituição do gozo pela linguagem (Leite,1998).

Esse processo em que o corpo físico transforma-se num físico investido ou num cérebro catexizado – que chamamos de intencionalidade física - parece indicar que a energia “se intencionaliza” e compõe uma rede neural organizada em função de um propósito pré-pessoal que se origina na indeterminação nas condições de partida. O par mãe/bebê evidencia que o pré-pessoal se apóia numa primeira montagem psíquica feita a partir das excitações que vão sendo percebidas nessa interação. Inicialmente, nada diz ao bebê como ele deve ser – ele vai sendo no processo de interação. Para Botella & Botella (2002), a medida que a mãe sinaliza as zonas erógenas, ela investe a criança dos limites do corpo, que fica sexualizado no momento em que fazer xixi, cocô e ter uma ereção começa a passar pelo “gosto”. Esse “gosto”, que definimos como qualia, ou a capacidade de sentir os sentimentos, situa o corpo vivido como algo que não tem um referente abstrato nem fixo fora de nossa experiência como sujeitos encarnados.

O “gosto”, essa experiência de satisfação associa o investimento nas zonas erógenas, na motricidade e na sensorialidade (que liga o organismo ao mundo). Posteriormente, esse circuito pulsional sofre um remanejamento econômico de modo que a energia possa refluir dessa ação para a vivência de satisfação que a reforça.

Esse é o suporte da lembrança da satisfação, cujas qualidades constituem as representações-coisa. Essa parte física do significado é que Kristeva (1987) chama de caverna sensorial, matéria prima das representações. Acreditamos ser esse o processo em que a energia se converte de quantidade em qualidade, e, posteriormente, permite à criança alucinar a satisfação, recurso cognitivo ao mesmo tempo limitado mas quase-real. Daí que o pensamento é alucinatório em sua origem : ele surge de uma espécie de alucinação ligada aos canais perceptivos que mediante um processo psíquico semelhante ao do sonho diurno – chamado por Botella (2007) de trabalho de figurabilidade – faz os afetos (perceptos heterogêneos) convergirem para uma unidade (a imagem) donde surgirá uma inteligibilidade que dá condições do pensamento agir e das representações surgirem e serem memorizadas.

2. Daí a centralidade do conceito de sensação: uma potência de sentir, sexualizando-se no contato do nosso meio existencial em que não há sujeito separado do objeto, mas uma forma de ser que ocorre num campo intersubjetivo. Em termos lacanianos diríamos que o afeto é o efeito corporal do significante do Outro, é um efeito de gozo do próprio corpo. O sujeito emerge/expressa-se no “sentir” desse fenômeno relacional, e a significação de seus atos aparece motivada existencialmente por esses ‘sentidos’. Em suma, parece-nos que não é o poder de nomear objetos que estrutura a percepção (o mundo não é um efeito do simbólico!), mas sim a ilusão de que somos capazes de criar sentidos de corpo, e portanto, de realidade, e por isso, de nos sentirmos reais, existindo e renascendo nas relações.

Logo, o corpo investido é o corpo em relação, afetando e sendo afetado, cenário que compõe uma gestão da excitabilidade que limita o paradigma da simulação nas ciências cognitivas e questiona a idéia laciana de sujeito como suposição significativa não substancial, uma vez que o que é significativo em relação aos determinantes corporais - que segundo Green (2008), é diferente daquilo que é significativo em relação ao significado - é o aspecto não submetido à lógica do significante⁷.

3. A noção de Totalidade que remete à relação homem-natureza, a intra-humanidade mãe-bebê, a intersensorialidade, intercorporeidade e intersubjetividade passa a fazer parte da pauta quando falamos em mente, e abrem a possibilidade de concebermos a pulsão como uma experiência vincular sensorial que antecede e aciona o trabalho de representância. Ao nosso ver, a dimensão sensível despoja a pulsão de seu estatuto mitológico, colocando-a como substrato da linguagem, e demanda uma ontologia do interstício, que aponte para um fratura entre o físico e o mental, dando direito de cidadania à pulsionalidade.

4. A sensorialidade situa o dilema estabilidade-plasticidade numa perspectiva existencial, uma vez que se estabelece como uma rede neural perceptual que insiste no “mudo e perco o que conheço” e uma rede neural da memória que insiste no “permaneço e repito”. Essa incompatibilidade simultânea ajuda a estruturar nossa experiência de corporalidade como

⁷ Vale observar que depois do seminário XX, Lacan passou a pensar o gozo e não o significante-significado como seu algoritmo inicial.

transcendente, pois compreende tanto o esforço de nos destacarmos da totalidade (diferenciação) quanto o esforço de aceitarmos o não-eu em nós (alteridade), o que nos faz ser sempre outros.

Bem, no fim das contas, alguns conceitos caíram por terra, misturamos outros, invertemos pressupostos e chegamos à conclusão que sensorialidade nos coloca de frente com o que há de incerto na vida humana – a corporalidade ou o corpo pulsional (BIRMAN,2001). É justamente porque o humano é indeterminado no princípio -quando nasce e renasce, encontrando-se com o mundo a cada vez - que pode auto-organizar-se singularmente.

Nossa subversão, como tentamos demonstrar, consistiu em articular conceitos de campos de conhecimento distintos - Psicanálise, Biologia, Fenomenologia, Física, Filosofia – que mesmo sendo pensados originalmente com outros propósitos, ainda sim apóiam-se mutuamente, dando força um ao outro, formando uma rede de entendimento. Acreditamos que pensar a ciência como uma elaboração cultural não significa propor um vale-tudo simbólico mas sim compreender que os modelos teóricos podem ser estendidos num número indefinido de modos sendo que nada dentro do próprio modelo prediz quais seriam os modos escolhidos. Nossas “heresias” resultaram nesse modo: a sensorialidade nos faz ser quem somos.

Nossa reflexão final consiste em discutir que tipo de híbrido formou nosso modelo, organizado em torno da idéia da complexidade do corpo, e o que ela pode nos dizer sobre os vários níveis de exploração da mente.

Conclusão: Sensorialidade como uma perspectiva interdisciplinar

Nosso exercício de imaginação sobre o corpo termina (e começa) nessa questão: como incluir a irredutibilidade entre o sensorial e o cognitivo, sobre a qual viemos discorrendo até aqui, na ciência da mente? Em termos metodológicos, optamos por trazer a metapsicologia do nível ficcional para a experiência perceptiva do homem, sem encerrá-la como um processo biológico objetivo.

Concluimos, de fato, que a percepção não é o que fazemos, mas o que somos. Levando em conta a importância da experiência perceptiva, em que os elementos sensoriais

fazem-se presentes antes da consciência (LIBET, 1983), apoiamos a idéia de Freud na carta 39 de que há uma “consciência perceptiva direta” que antecede a memória e de que parece haver um “pólo perceptivo do ID” (BOTELLA, 2007), onde se impõe um real fora da significação (LEITE,1998). Nossa hipótese central é de que a mente é fundamentalmente um corpo sentido. Retomando Green (2008), podemos decretar que, num primeiro momento, pulsão e objeto são inseparáveis. O organismo, portanto, deixa de ser objeto da relação com o mundo para emergir dessa relação. O corpo real, em suma, não é um fato, nem é objetivo, nem existe à priori, nem é perfeitamente representado ou imaginado, mas é uma experiência perceptual “sentida” de separação da Totalidade, que escapa à elaboração simbólica, mas que a antecede e possibilita a significância.

Ao nosso ver, com o conceito de pulsão, Freud intuiu essa outra possibilidade de naturalização, em que a idéia de redução se mantém, mas sem o eliminacionismo. Isto é, podemos reduzir a mente ao corpo, mas o corpo se mostra complexo, processual, auto-organizado. Freud (1895) já explicava isso no *Projeto* ao dizer que quando a energia fica retida no aparelho, estrutura-se, amplia as redes psíquicas e muda seu caráter tensional, formando novos signos. Dito de outro modo, a possibilidade de um espaço psíquico originário emerge no trabalho pulsional, que deve suas origens ao próprio processo, que é vincular e auto-organizado em torno de uma falta de essência. Não é por acaso que para Varela, Thompson e Rosh (1993), a percepção só pode ser compreendida em termos de sua própria atividade. Nessa experiência, a quantidade de energia se transforma em qualidade, porque o corpo não é um agente passivo determinado pelas práticas culturais nem pelas amarras biológicas, mas porque se modifica pela relação com outros corpos (VARELA, THOMPSON & ROSH,1993). Esse processo, que viemos explorando até aqui, tem como eixo a sensorialidade, que deveria, ao nosso ver, se constituir um campo interdisciplinar de estudo da mente.

Achamos necessário, por isso, resgatar nos diferentes campo de conhecimento a construção do sentido físico – a forma física sentida como aquilo que fundamenta o psiquismo. Estamos propondo que o humano constitui-se porque não há significante (algo significativo) a parte da experiência corporal, nem corporalidade que não seja mediada pela intercorporeidade. Assim, aproximando a mente de um espaço intersíquico,

obrigatoriamente, temos que criar uma ontologia que possa dar conta desse ENTRE constitutivo e constituído.

A transformação de energia, o sentido físico, a sexualidade e o intersíquico são conceitos que invertem a linha de pensamento que leva o sujeito representativo, subjetivo e identitário, para o campo pré-subjetivo e pré-objetivo. Tal dimensão–impessoal e indeterminada, aparece atualmente em diversos tipos de teorização. A idéia de uma terceira tópica, por exemplo, capaz de reunir as teorias da pulsão e das relações objetais, consideram a possibilidade de que o fundamental em Psicanálise é a dinâmica que se estabelece entre eles. Essa abordagem sensorial e vincular (BRUSSET,2006), enfatizada por Botella, Dejours, Racamer, Aulagnier, Fedida, Green, Haag, Kristeva, Reid, Berchene, Cahn entre outros, fornece valiosos caminhos para a interdisciplinaridade no estudo da mente.

Todos esses autores teorizam sobre um corpo que tem uma maneira sensório-motora singular de se oferecer à ação, em acordo com a própria natureza de seus receptores (VARELA, THOMPSON & ROSH,1993, p.174), cuja essência depende do sentido daquilo que está emergindo em termos de gestão de excitabilidade e investimento na relação em que uma materialidade afeta a outra e vice-versa. Em termos lacanianos poderíamos dizer que se trata de compreender como o significado captado do Outro incide sobre o corpo do sujeito, afeta-o e se torna corpo. Trata-se da corporificação ou dos acontecimentos do corpo, tópico de estudos fundamental para compreensão da mente

Alguém poderá perguntar: como estudar a corporificação? Por que não tentamos reduzir a sensibilidade? De acordo com nosso desenvolvimento teórico, na redução encontraríamos uma singularidade existindo no mundo. A experiência de como os sentimentos são sentidos indicam, portanto, que o saber deixou de ser pautado por uma taxonomia geral para emergir no espaço das relações intercorpóreas (CAMPOS & COELHO Jr, 2002). Esse lugar de afetação nos remete ao tempo sensível pré-socrático, um sentir fora da linguagem.

No tempo sensível, o corpo já é testemunha do vivido antes de começar a pensar. O *imput* sensorial do mundo se presentifica em nossa corporalidade, donde se impõe demandas e possibilidades ao sujeito. O pensamento se origina das ilusões emergentes

desse mundo sensorial vivido, cuja realidade fundadora é constituída pela dinâmica entre a pulsão e objeto. Dessa forma, o corpo não determina no sentido causal a carga semântica que lhe será assinalada pela prática linguística, mas circunscribe as possibilidades de sentido (BEZERRA, 2003) . A partir do sentido da uma experiência corporal sexualizada, a representação do objeto adquire significado e se associa à palavra. Não podemos mais enfatizar os registros do pensamento e da linguagem às expensas da corporeidade (BIRMAN,2001).

Ao nosso ver, é aí, precisamente, que a Psicanálise se insere no debate científico sobre a mente. Freud criou um modelo de homem como uma máquina-viva, o que nos estimula a pensar a cognição como sensibilidade , como pulsão, incorporada,e não como maquinação (efeito de um processamento). Com a pulsão, Freud teoriza sobre como se produzem as qualidades sensoriais, que permitem ao indivíduo situar-se, isto é, existir psiquicamente. A novidade de Freud foi ter concebido a figura de um sujeito encarnado, com possibilidade da vivência de prazer, conferindo ao corpo e a o afeto um lugar primordial na leitura da subjetividade (BIRMAN,2001,p.87). Isso torna a Psicanálise um interlocutor privilegiado quando pensamos numa ciência da mente que considera a experiência (de ser).

Nosso elemento de estudo primordial não é uma coisa objetiva, portanto, nem metapsicológica, mas um cenário indeterminado do sentir não-simbolizado, anterior ao ser, o devir que se move entre os corpos. Esse devir – espaço do inconsciente como um sexual primordial, pulsionalidade como uma potencialidade de excitação –como toda experiência, deve intervir ativamente na modulação do tecido cerebral (EDELMAN,1992). Por isso, o conceito de catexia (estimulações sensoriais que adquirem sentido quando investidas) como uma energia intencionalizando-se, como um tipo de processo elétrico que regula a memória em função de investimentos é um modelo importante para a compreensão do controle adaptativo da memória e dos aspectos da fisiologia cortico-límbica que isso implica.

A possibilidade de que “lá no fundo” da neurofisiologia dos receptores sensoriais exista um “sentir” irreduzível indica que o modelo neurofisiológico do sistema sensorial precisa ser revisto e que o corpo excitável, que suporta o significante, é uma materialidade que nos interessa, mas ainda não sabemos como abordá-la. Contudo, parece-nos que o

estudo dessa materialidade não implica em sermos materialistas. Nessa perspectiva, acreditamos que uma nova ontologia do inconsciente é possível e necessária, bem como o naturalismo apoiado naquilo que Damásio chamou de física não-convencional (MURCHO, 2000) pode nos ajudar com essa questão. Com ambos, poderemos aceitar a materialidade do corpo ligada à experiência sensorial, sem nos preocuparmos com o fato de que depois da decomposição da matéria possa haver algo não-substancial.

Mas como a sensação que nega a Totalidade e cria tanto uma interioridade (o eu) quanto o não-eu (mundo) no processo perceptivo, a partir do encontro sensível com a materialidade do outro, se inscreve na materialidade do corpo próprio?

É nesse caminho em que a pulsão encontra objeto, e a relação entre os corpos dá a cada corpo uma corporalidade possível, que os movimentos do corpo são investidos com um significado perceptual. Retomando a preocupação de Freud de explicar o psiquismo energeticamente, parece que é nesse campo intersensorial – que desconstrói as oposições pulsão/objeto, interno/externo, eu;/outro, real/ilusão, energia/matéria - que a quantidade de energia transforma-se em qualidade, o início do processo cognitivo.

É no espaço de interação, em que a pulsionalidade ocorre no vínculo, no plano da intercorporeidade (COELHO Jr.,1997), que podemos edificar uma nova ciência interdisciplinar com o objetivo de estudar a mente, ou seja, uma ciência dos processos de subjetivação do corpo. Podemos, finalmente, começar a ter uma idéia da importância de construirmos uma ontologia do entre – fundamental numa perspectiva da sensorialidade.

Referências Bibliográficas

ANZIEU, D. *O Eu-Pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo,1989.

AULAGNIER P. *A violência da interpretação*. RJ: Imago, 1975

BARBARAS,R The movement of the living as the originary foundation of perceptual intentionality. In: PETITOT, VARELA, PACHOUD, ROY (Org.). *Naturalizing phenomenology*. Califórnia: Stanford University Press., 1999, p. 525-538.

BEZERRA JR, B. Neurociências e Psicanálise [Conferência] In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE,2003. Disponível em:<

http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/FLeitor_BBezerra.pdf>. Acesso em:12 ago.2008.

BIRMAN J. *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

BOTELLA,C. Entrevista. *Ver. Brás. de Psicanálise*, v.41, no.1, 2007. Disponível em:<http://www.rbp.org.br/vol41_1.asp>. Acesso em:6set.2008.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. *Irrepresentável : mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/ Criação Humana, 2002

BOUYER, GC. A Morte da representação na filosofia e nas ciências da cognição. *Ciências e cognição*, v.13 no.1,2008. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13/cec_v13-1_m318204.pdf>. Acesso em :5.abr.2009.

BROOK, A. Neuroscience versus Psychology in Freud. In: BILDER; LEFERVE (Org.).*Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's Project for a scientific psychology*. New York: New York Academy of Sciences, 1998, p. 66-77.

BRUSSET,B. Metapsicologia do vinculo e terceira tópica? *Revista de Psicanálise da SPPA*, v13,no.2, 2006.

CAMPOS, EBV & COELHO JR, NE . O conceito de alucinação em Merleau- Ponty: aspectos clínicos e psicopatológicos. *Ver Latinoamericana de psicopatologia Fundamental*, v2.,2002. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun2/1.pdf>>.Acesso em:

CARMAN, T. On the inescapability of Phenomenology. In: SMITH & THOMASSOM (Org.). *Phenomenology and Philosophy of mind*, pp 67-92. NY: Oxford University press, 2005, p. 67-92.

CHURCHLAND, P.S. *Neurophilosophy: toward a unified of the mind-brain*. Cambridge: MIT Press, 1986.

COELHO JR, NE. Corpo construído, corpo desejante, corpo vivo. In: LIMA,E.; KNOBLOCH,F. (Org.). *Cadernos de subjetividade*. São Paulo: Editora da PUC,1997, p 401-412.

COELHO JR,NE.; FIGUEIREDO,LC (2004). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva:dimensões da alteridade. *Interações*, v,17, 2004. Disponívelem:<http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072004000100002&Ing=es&nrm=>>. Acesso em:18 jun.2009.

DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBRUN,M. A dinâmica da auto-organização primária. In: DEBRUN,M.; GONZÁLES, M.& PESSOA JR.,O. (Org.) *Auto-organização :estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas : Unicamp/Centro de Lógica, Epistemologia e Historia da Ciência, 1996, p. 25-59.

DENNET, D. *Tipos de mentes: rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EDELMAN, G. *Bright air, brilliant fire: on the matter of the mind*. Nova York: Basic Books, 1992.

FERRARI, I.F. No século da biologia: o corpo erógeno. *Tempo psicanalítico*, v.40, n.2, p. 213-225, 2008.

FONTES, I. A Psicanálise do sensível :a dimensão corporal na transferência. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 1998. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar9/5.pdf>>. Acesso em:22 nov.2008.

FONTES, I. Julia Kristeva e o tempo sensível. *Pulsional*, ano XIII, no.139, 2000. Disponível em : < http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/139_03.pdf>. Acesso em:30 jan.2009.

FREUD, S. (1895). Projeto de psicologia. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975. vol. I.

FREUD, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975. vol. VII.

FREUD, S. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975. vol. X IV.

FURLAN, R; BOCCHI, J. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty.*Estud. psicol.* V.8, no.3, set./dez.. 2003. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19966.pdf>>.Acesso em:7 fev.2009.

GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1991.

GERMINE, M. The concept of energy in Freud's Project for a scientific psychology. In: BILDER; LEFERVE (Org.) *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's Project for a scientific psychology*. New York: New York Academy of Sciences, 1998, p. 80-89.

GIL,J. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Ed. Relógio D' água,1997.

GREEN,A *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago,2008.

KANDEL, ER. A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. *R Psiquiatria*, v.25, no.1, 2003. Disponível em: <http://www.pepas.org/textos/biologia_futuro_psicanalise.pdf>. Acesso em: 8 out.2008.

KNOBLOCH, F. *O Tempo do Traumático*. Ed EDUC. São Paulo,1998.

KRISTEVA, J. *Sol negro: depressão e melancolia*.RJ: Rocco, 1987.

LACAN,J. (1964). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise - seminário 11*. RJ: Jorge Zaar Ed.,1987.

LACAN ,J. (1975). *Mais, ainda - seminário 20*. RJ: Jorge Zaar Ed.,1985.

LAPLANCHE, J. *O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEMGRUBER, V. et al. A neurociência como compreensão científica para a metapsicologia freudiana. *Neurociências*, v.1, no.3, p.1-11,2004.

LEITE, MPS .A noção de real no último Lacan (aula).17 de setembro de 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/10_aula.pdf. Acesso em: 7 ago.2009.

LIBET B et al. Time of conscious intention to act in relation to onset of cerebral activity (readiness-potential): the unconscious initiation of a voluntary act. *Brain*, no.106,p. 623-642,1983.

LIBERMAN, F. O corpo como produção da subjetividade. In: LIMA,E, & KNOBLOCH,F. (Org.). *Cadernos de subjetividade*. São Paulo: Editora da PUC, 1997,p. 371-382.

LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Natureza Humana*, v. 8, n.1, p. 21- 47, 2006.

MACIEL, L. M.A. (1999). *Proposta do conceito de dinâmica ontogenética contextual aproximando o projeto de Freud dos impasses da psicopatologia contemporânea*. 1999. 119f. Tese (Doutorado em Neurociências e Comportamento), Instituto de Psicologia,Universidade de São Paulo, São Paulo.1999.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORIN, E. et al. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1990.

DAMÁSIO,A. A consciência do corpo (Junho,2000). Ouro Preto: Revista Crítica. Entrevista concedida a Desidério Murcho. Disponível em: http://criticanarede.com/html/entr_damasio.html#. Acesso em:9 nov.2008.

NAGEL, T. *Visão a partir de lugar nenhum* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NAVES, J.OV.; FERES-CARNEIRO, T. O eu na obra de Freud e a corporalidade. *Psicol. USP*, vol.18, no.3, set. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000300003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em:2 mar.2009.

PACHOUD, B. The teleological dimension of perceptual and motor intentionality. In: PETITOT, VARELA, PACHOUD, ROY (Org.). *Naturalizing phenomenology*. Califórnia: Stanford University Press, 1999, p 196-219.

PER, BAK *How nature works*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

PEREIRA, V.A. Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias. *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*, Vol. 8, No3, 2006. Disponível em:<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3141>> Acesso em:5 jul.2009.

PERSICANO, M.L.S. Psicanálise: uma revolução científica, uma ciência? Metapsicologia, superestrutura teórica e identidade epistêmica da Psicanálise. In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 2000. Disponível em:<http://www.estadosgerais.org/encontro/uma_revolucao_cientifica.shtml>. Acesso em:30 set.2008.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1996.

SAFATLE, V. Uma clínica do sensível: a respeito da relação entre destituição subjetiva e primado do objeto. *Interações*, vol.10, no.19, jun. 2005. Disponível em:<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em:3 mar.2009.

SIDONCHA, U.M. O debate - possível - entre materialismo reducionista e fenomenologia. *Estud. pesquis. psicol.*, vol.8, no.2, ago. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200018&lng=pt&nrm=isso. Acesso em:4 set.2008.

SIMANKE, R.T. O problema mente-corpo e o problema mente-mente da metapsicologia: pontos de convergência entre a psicanálise freudiana e as ciências cognitivas. *Natureza humana*; v.8, n.1, p.93-117, out. 2006.

SMITH, K.; THOMASSON, V. Introduction. In: SMITH; THOMASSON (Org.). *Phenomenology and Philosophy of mind*. NY: Oxford University Press, 2005, p 1-14.

SOUZA, O. . Os processos de simbolização em Freud, Melanie Klein e Lacan. In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE, 2005. Disponível em:

<http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Octavio_Souza.pdf>. Acesso em: 16 out.2008.

VARELA, F., THOMPSON, E. & ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.

WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. São Paulo: Imago,1990